

INFLUÊNCIA DOS RESÍDUOS DE COLHEITA DE *Pinus* spp. NA REGENERAÇÃO NATURAL NA REGIÃO SERRANA DE SANTA CATARINA

Fernanda Cabreira de Oliveira¹, Chaiane Rodrigues Schneider², Mayara Pereira de Goes³, Ramon Silva de Andrade³, João Cristino Rodrigues Ferreira³, Maria Raquel Kanieski⁴

¹Acadêmica do Curso de Engenharia Florestal - CAV - bolsista PIVIC/UDESC.

² Mestre em Engenharia Florestal - CAV.

³ Acadêmica do Curso de Engenharia Florestal - CAV.

⁴ Orientadora, Departamento de Engenharia Florestal - CAV – raquel.kanieski@udesc.br.

Palavras-chave: Biomonte. Restauração florestal. Sucessão ecológica.

Nesse projeto foi utilizado o termo “biomonte” referente a união da palavra “biomassa”, referida aos resíduos florestais oriundos de sistemas de colheita de *Pinus* spp. E a palavra “monte” significando elevação do terreno. O presente estudo é uma breve continuação de um projeto iniciado há dois anos, em uma Área de Preservação Permanente pertencente à uma empresa do setor florestal no município de Correia Pinto/SC. O objetivo foi determinar a influência que os biomontes exercem em áreas de regeneração natural. Para a análise, foram escolhidas aleatoriamente três parcelas de biomontes e três parcelas testemunhas sem os resíduos florestais com dimensões de 10 m x 10 m cada, de forma a comparar a influência dos resíduos de colheita, desde a primeira coleta em 2016 e a última em 2018. A medição dos biomontes foi efetuada pela coleta do seu diâmetro de base, correspondente à medição em solo por toda sua extensão; diâmetro do topo, referente à medida da cobertura; altura da esquerda e altura da direita e altura central, sendo seu local mais alto. Para aferir cada altura, tomava-se uma distância de cinco metros e inseria-se uma vara de observação maior que o biomonte como referência e a estimava. Os indivíduos encontrados ao redor do biomonte foram imediatamente medidos o diâmetro de colo e a altura total, sendo que as espécies encontradas foram identificadas e classificadas em espécie, nome popular e família. Todas as espécies encontradas, foram classificadas quanto à forma de dispersão e grupo ecológico pertencente. Essa mesma avaliação foi realizada nas parcelas sem resíduos, sendo observadas na Tabela 1. As análises foram realizadas nos *softwares* Pacote R version 3.5.0 Patched (2018-06-01 r74838) e planilhas do Excel. Comparando os resultados nos dois anos avaliados, a maior diversidade de espécies permaneceu nas parcelas testemunhas em 2016 ($H' = 3,15$, $J = 0,80$), aumentando para 2018 apenas a equabilidade ($H' = 2,83$, $J = 0,84$), ou seja, distribuindo melhor os indivíduos nas espécies presentes. Para os biomontes em 2018 ($H' = 2,19$, $J = 0,90$) tanto a diversidade quanto a equabilidade aumentaram em relação à 2016 ($H' = 1,64$, $J = 0,85$), significando aumento na riqueza e na distribuição dessas espécies. Dessa forma, a presença dos biomontes favoreceu na velocidade no desenvolvimento da regeneração natural na área estudada, sendo estes importantes para acelerar o processo de restauração.

Tab. 1 Principais espécies inventariadas no levantamento das parcelas e biomontes em área em processo de restauração florestal em Correia Pinto, SC, em 2016 e 2018.

Família	Nome científico	Nome popular	2016	2018	D	GE
Asteraceae	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Vassoura-branca	x		AM	PI
	<i>Baccharis microdonta</i> DC.	Trapichava	x		AM	PI
	<i>Baccharis oreophila</i> Malme	Alecrim	x		AM	PI
	<i>Baccharis semiserrata</i> DC.	Alecrim-do-mato	x	x	AM	PI
	<i>Baccharis uncinella</i> DC.	Vassoura-lajeana	x	x	AUT	PI
	<i>Campovassouria cruciata</i> (Vell.) R. M. King. & H. Rob.	Campovassoura	x		AM	PI
	<i>Senecio brasiliensis</i> (Spreng.) Less.	Maria-mole		x	AM	PI
	<i>Symphyopappus compressus</i> (Gardner) B. L. Rob.	Vassoura	x		AM	PI
	<i>Eupatorium laevigatum</i> Lam.	Cambarázinho		x	AM	PI
	<i>Baccharis vulneraria</i> Baker	Erva-santa		x	AM	PI
Bignoniaceae	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	Ipê-amarelo		x	AM	SI
Euphorbiaceae	<i>Croton muellerianus</i> L. R. Lima	Sangue-de-drago	x		AU	PI
	<i>Sebastiania commersoniana</i> (Baill.) L. B. Sm. Et. Downs	Branquilha		x	ZO	PI
Fabaceae	<i>Mimosa scabrela</i> Benth.	Bracatinga	x		AU/BA	PI
	<i>Senna macranthera</i> (DC. Ex Collad) H. S. Irwin & Barneby	Manduirana	x		AU, BA, ZO	PI
Lauraceae	<i>Ocotea pulchella</i>	Canela-lageana		x	ZO	ST
	<i>Ocotea pulchella</i> (Nees) Mez	Canela-lageana	x		ZO	ST
Melastomastaceae	<i>Leandra australis</i> (Cham.) Cogn	Pixirica		x	ZO/AU	PI
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Cambu-pitanga		x	ZO	ST
Primulaceae	<i>Myrsine lorentziana</i> (Mez) Arehav	Capororoca	x		ZO	SI
Rosaceae	<i>Prunus myrtifolia</i> (L.) Urb	Pessegueiro-bravo		x	ZO	SI
Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Mamica-de-cadela		x	ZO	SD
Salicaceae	<i>Casearia decandra</i> Jacq.	Guaçatunga		x	ZO	T
	<i>Xylosma ciliatifolia</i> (Clos) Eichle	Pau-espino		x	ZO	ST
Sapindaceae	<i>Allophylus edulis</i> (A.St.-Hil. et al.) Hieron. ex Niederl.	Chal-chal		x	ZO	SI
Solanaceae	<i>Solanum lacerdae</i> Dusén	Uva-do-mato	x		ZO	PI
	<i>Solanum mauritianum</i> Scop.	Fumeiro-bravo	x	x	ZO	PI
	<i>Solanum variabile</i> Mart.	Jurubeba-velame	x		ZO	PI

Legenda: Dispersão (D) – AM: anemocórica, AU: autocórica, BA: barocórica, ZO: zoocórica. Grau ecológico (GE) – PI: pioneira, SI: secundária inicial, ST: secundária tardia.